

PKS

PUBLIC  
KNOWLEDGE  
PROJECT

REVISTA DE  
**GEOGRAFIA**  
Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

OJS

OPEN  
JOURNAL  
SYSTEMS

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia>

## O ESTUDO DO LUGAR E A ABORDAGEM GEOGRÁFICA PARA MITIGAR O BULLYING: OFICINA PRÁTICA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO DIDÁTICO

Marcus Vinícius dos Santos Silva<sup>1</sup>, <https://orcid.org/0000-0003-3605-5188>

Paulo César de Oliveira<sup>2</sup>, <https://orcid.org/0000-0002-3054-213X>

Cláudio Roberto Farias Passos<sup>3</sup>, <https://orcid.org/0000-0001-6647-969X>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil\*

<sup>2</sup> Universidade de Pernambuco (UPE), Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil\*\*

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil\*\*\*

*Artigo recebido em 19/07/2022 e aceito em 05/12/2022*

### RESUMO

Nas instituições escolares a violência é bastante corriqueira e não ocorre igualmente em termos de tipologia, fatores e circunstâncias que se retroalimentam. O *bullying* é um fenômeno interpessoal marcado por um conjunto de práticas sistemáticas, continuadas, intencionais e perversas acompanhadas pela desproporcionalidade de poder que tem o intuito de humilhar os alvos dessa conduta. Este artigo apresenta propostas didáticas, através de oficinas práticas, para compreenderem-se as relações da Educação Geográfica, por intermédio da categoria de análise geográfica lugar, para mitigação do *bullying* em unidade escolar a partir de um estudo baseado em relatos e experiências da literatura acadêmica. Os resultados revelaram que a Educação Geográfica, através dos estudos voltados ao lugar dos alunos, é relevante para que eles se reconheçam como sujeitos da história e que podem ser influenciados pelas relações sociais depreendidas nele.

**Palavras-chave:** Violência Escolar; Bullying; Educação Geográfica; Lugar.

### THE STUDY OF PLACE AND GEOGRAPHIC APPROACH TO MITIGATE BULLYING: PRACTICAL WORKSHOP AS A DIDACTIC TEACHING INSTRUMENT

#### ABSTRACT

In educational institutions, violence is plenty common and does not occur equally in terms of typology, factors and circumstances that feed back into each other. Bullying is an interpersonal phenomenon marked by a set of systematic, abide, intentional and subversive practices accompanied by a disproportionality of power that aims to humiliate the targets of this conduct. This article presents a didactic proposal, through practical workshops, to perceive the relations of Geographic Education, through the category of geographic analysis of place, for the mitigation of bullying in a school unit from a study based on reports and experiences of academic literature. The results revealed that

\* Licenciado em Geografia (UPE), Mestrando em Educação (UFPE), E-mail: [marcus.santossilva@upe.br](mailto:marcus.santossilva@upe.br)

\*\*Doutorando em Geografia (UFPE), Universidade de Pernambuco (UPE), E-mail: [paulo.cesar@upe.br](mailto:paulo.cesar@upe.br)

\*\*\*Doutorando em Geografia (UFPE), Secretaria de Segurança de Pernambuco, E-mail: [cbetopassos@yahoo.com.br](mailto:cbetopassos@yahoo.com.br)

Geographic Education, through studies focused on the place of students, is substantial for the recognition of students as subjects of history and that they can be influenced by the social relations found on them.

**Keywords:** School violence; Bullying; Geographic Education; Place.

## **EL ESTUDIO DEL LUGAR Y EL ENFOQUE GEOGRAFICO PARA MITIGAR EL BULLYING: TALLER PRÁCTICO COMO HERRAMIENTA DIDÁCTICA**

### **RESUMEN**

En las instituciones escolares la violencia es bastante corriente y no ocurre igualmente en términos de tipología, factores y circunstancias que se retroalimentan. El *bullying* es un fenómeno interpersonal marcado por un conjunto de prácticas sistemáticas, continuas, intencionales y perversas acompañadas por la desproporcionalidad de poder que tiene el objetivo de humillar las víctimas de esta conducta. Este artículo presenta una propuesta didáctica, a través de talleres prácticos, para comprender las relaciones de la Educación Geográfica, por medio de la categoría de análisis geográfico lugar, para la mitigación del *bullying* en una unidad escolar a partir de un estudio basado en relatos y experiencias de la literatura académica. Los resultados revelaron que la Educación Geográfica, a través de los estudios centrados en el lugar de los alumnos, es relevante para el reconocimiento de los sujetos como sujetos de la historia y que pueden ser influenciados por las relaciones sociales inferidas en él.

**Palabras-clave:** La violencia escolar; Bullying; Educación Geográfica; Lugar.

### **INTRODUÇÃO**

A Instituição Escola é um estabelecimento entendido como um local onde os sujeitos aprendizes desde crianças iniciam seus largos passos no quesito formativo da identidade pessoal e estudantil. A escola também passa a ser sinônimo da proliferação de conhecimentos e aprendizagens múltiplas por isso sendo bastante vista no contexto atual como um local preponderante para formação pessoal e de seres multiplicadores de boas práticas. Contudo, atos agressivos, violentos e conflituosos suscitam recorrentemente em violência escolar.

É sabido que a violência sempre existiu e é universal. O mais preocupante é que a escola se tornou nas últimas décadas um receptáculo desses atos violentos, que por vezes são gerados no ambiente familiar; em contraposição ao entendimento do ambiente escolar como lugar privilegiado e protegido de conflitos (BLOMART, 2002).

A escola da atualidade não é a mesma de outrora, várias significações e ressignificações são perceptíveis nos dias atuais, principalmente quando se remete a atos violentos. Ao invés de ser um local marcado pelo aprendizado, pela inclusão e de que todos devem aprender igualmente, parece que ela imbrica com ausência de inclusão, com a repetição e reprodução da desigualdade e grandes atos de violência (ABRAMOVAY, 2008).

Buscamos corroborar com os estudos já existentes sobre a violência escolar e, em especial, o *bullying*, ao passo de entendermos as manifestações deste nas escolas como um dos maiores problemas na atualidade. Assim, o artigo objetiva compreender a relação da Educação Geográfica, por intermédio da categoria de análise geográfica lugar, para mitigação do *bullying* em unidade escolar a partir de um estudo baseado em relatos e experiências da literatura acadêmica.

## **DOS PASSOS INICIAIS DA PESQUISA**

A pesquisa foi realizada por uma orientação de leituras e experiência qualitativa, com a revisão bibliográfica de artigos, dissertações, teses e livros a partir do estudo intrínseco dos fatores proporcionadores da violência escolar e suas consequências e, posteriormente, na indicação de possíveis ações pedagógicas que minimizem os conflitos interpessoais (violência) e promovam o comportamento pró-social.

Perante as representações já realizadas, presume-se que a Ciência Geográfica tem o poder de diminuir os casos de *bullying* escolar e metamorfosear reações adversas ao esperado. O papel do professor de Geografia se torna preponderante, uma vez que os alunos apoiados nas mãos seguras do professor, mediador do conflito, podem reagir comportadamente a diversas situações antagônicas ao *bullying* propiciando atitudes e gestos de empatia e cooperação. Por esse motivo, o estudo da Geografia do *bullying* pode suscitar aulas livres de distorções comportamentais severas e que desnor-teiem as missões éticas, morais e promissoras da Instituição Escola.

Nesse entendimento, foram pensadas oficinas, como estratégia pedagógica, para serem utilizadas pelos professores de Geografia, após a reabertura das escolas em virtude da alta transmissibilidade do coronavírus. As oficinas estão estritamente relacionadas com a Educação Geográfica como uma ferramenta ancorada no conceito de lugar para mitigação e prevenção do *bullying*. E têm por objetivo despertar atitudes mais racionais as quais inibam ações violentas, ou quaisquer outras formas de agressão física e moral, bem como a identidade de quaisquer indivíduos dentro e fora do ambiente escolar (ler-se *bullying*).

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### *A Relação da Noção de Violência e o Espaço Escolar*

A violência não é um fenômeno novo, tampouco que ocorre isoladamente em alguns recintos e em outros não. A violência a depender da sua tipologia apresenta peculiaridades distintas e que são a ela acrescentados diversos fatores e circunstâncias que se retroalimentam.

Conforme Robert Muchembled (2012) a violência pode ser até inata. Esse autor buscou compreender a origem da violência e indaga-se se ela é inata ou se resulta de uma construção cultural, antes de tentar precisar a relação estreita que ela mantém com a virilidade, na história ocidental. E argumentou que desde o século XIII, o perfil dos culpados modificou-se pouco a pouco, apesar do considerável declínio, constatado por toda a Europa, as mulheres foram muito minoritárias. As mais numerosas vítimas foram os jovens homens com idade entre 20 a 29 anos. A época, as vítimas frequentemente apresentavam características idênticas, e os enfrentamentos por vezes mortais colocavam em disputa questões envolvendo direito, de precedência e de honra.

Portanto, a violência seja escolar (alvo central desta pesquisa), doméstica, sexual, física, infantil, psicológica e entre outras é um fenômeno antigo e que requer estudos e cautela na sua definição e no estabelecimento de parâmetros que ora distanciam de outras formas de violências e ora as aproxima. Priotto e Boneti (2009) acrescentam que a violência, quaisquer que sejam elas, é um fenômeno inerente ao ser humano a mesma proporção que não pode ser explicada por um único fator, uma vez que estão entrelaçados a aspectos culturais, políticos, econômicos e psicossociais que também permeiam as sociedades humanas.

Nas palavras de Assis e Marriel (2010) não é fácil denominar violência. É um termo complexo que para melhor ser entendido se faz necessário à compreensão de uma teia de causas que atingem todos os povos, instituições, grupos e pessoas e que por elas são também produzidas, além de ser expressar de diversas formas, cada uma delas com características específicas.

Passeron *apud* Debarbieux (2002) corrobora com o que foi afirmado quando pressupõe que um determinado conceito de violência nada mais faz do que delimitar um significado. Contudo, o que dará a ele legitimidade serão a subjetividade, os métodos e as formulações do pesquisador. Nada adianta ter um conceito estrito se não tenta aproximar esse conceito com novas formulações, uma vez que esses conceitos estritos são imprecisos e ineficazes.

Nessa perspectiva de que a violência é difícil de ser entendida até pela prerrogativa de muitas serem as suas causas e também suas consequências pode consubstanciar-se a falsa percepção de que é impossível de ser analisada e solucionada. Consoante a isso, a violência escolar deve ser analisada cuidadosamente a mesma medida que não se pode escancarar e entender todos os comportamentos danosos em sala de aula como violência, como defendem e descreve Pereira e Melo (2021). Por outro lado, se faz imperativo não entendê-la, vagamente, escamoteando algumas ações tidas como incorretas.

Segundo Charlot (2002), a violência na escola, não é tão recente como muitos pregam e pode ser perceptível desde o século XIX. Nesse século, em algumas escolas, depois de explosões de violência os alunos já eram punidos através da prisão. Nas décadas de 1950 e 1960 as atitudes de alguns estudantes ainda continuavam grosseiras.

Como pode ser depreendido o novo não é a violência no âmbito escolar, todavia as novas formas de violência que são presentes nos tempos correntes. E essa mesma violência cada vez mais se escancara e ganha na escola um palco indeclinável e ao que parece perpétuo de sua manifestação, suscitando em conflitos interpessoais e em alguns casos aguçados.

Debarbieux (2002) também corrobora quando entende que o campo semântico da violência escolar é vasto, que se corre o risco de expandir-se esse conceito ao ponto de ou criminalizar atos comportamentais normais como violentos ou ponderar demais, hiperampliar o problema da violência até o mesmo se tornar impensável. Entretanto, não se pode perder de vista ou desconsiderar algumas situações violentas iniciais ou de repercussão menor. Destarte, indivíduos de percepções éticas e morais diversas podem interpretar atos violentos ou não de formas distintas.

Priotto e Boneti (2009) delimitam como definição de violência escolar todos os atos e ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais que promovem a existência de conflitos interpessoais, discriminação, danos ao patrimônio, marginalização e atos criminosos que são provocados pela e entre a comunidade escolar (professores, alunos, demais funcionários, comunidade escolar e até estranhos a escola no ambiente escolar).

Abramovay (2008) reverbera a má condução das normas no âmbito escolar, ao passo que os alunos não entendem a justificativa de algumas restrições, já que são coercitivas e não democratizadas a todos, como o caso do não utilizar boné na escola, do não ser aceito a entrada de estudantes com aparelho celulares. Isso em muitos casos provoca violência. Se bem que, em recorrentes momentos, os alunos burlam as regras, a equipe gestora finge não enxergar o não cumprimento das normas e os alunos tomam como incontestes a afirmação de

que as normas impostas são um “faz de contas”. Nesse sentido, a violência é também entendida como uma consequência do que é mal conduzido no ambiente escolar.

Charlot (2002) mostra um bom caminho para o entendimento da violência escolar quando diferencia a violência na escola, violência à escola e violência da escola. A primeira consiste nos atos violentos acontecerem na escola, contudo não sendo propiciados pela instituição de ensino, ou seja, atos violentos que tem como palco a escola e que se firmaram fora dela. E, violência à escola ocorre quando alunos agridem professores e provocam incêndio na instituição. Devendo ser entendida concatenada com a violência da escola que é quando palavras malditas, atitudes racistas, atribuição de notas em voz alta, modo de estruturação de classes podem suscitar em atos violentos mediante as situações injustas da escola.

Levando em consideração que os motivos, o entendimento das causas da violência escolar é determinante para o prelúdio das soluções das violências nas escolas este é o alvo de estudo no próximo capítulo. Agora não mais é alvo de indagações os correntes conceitos de violência e suas especificidades e a premissa do porque a escola atualmente é o reflexo do descrédito. Todavia, quais suas causas e a relação dialógica da violência com a minimização desta.

### ***Para Melhor Entender da Violência Escolar***

A escola sempre foi vista, ao menos no senso comum, como um local símbolo de convívio social harmônico e solidário e potencializador de competências e habilidades múltiplas. Não obstante, isso só é possível quando o ambiente é bem estruturado e dispõe de estratégias de ensino que coíbam a violência escolar e quaisquer outras condutas que se distanciam dos atos discriminatórios e violência de diversas as origens.

Nesta conotação o *bullying* nas escolas é preocupante. Atos inesperados e maldosos já estão tatuados no recinto escolar ao invés de relações sociais harmônicas e de bom convívio. Macêdo (2014), corrobora com o que foi elencado quando legítima que nas escolas onde o problema da violência é acentuado cria-se um ambiente de insegurança e medo. Antagonicamente ao que se tem por utopia da escola como sendo um local que propicia e forma alunos por meio de valores éticos, morais e diálogos. Nessa linha argumentativa, diversos são os tipos de violências que ocorrem no colégio, dentre elas a violência física, a homofobia, o racismo, a violência por desigualdade econômica, discriminação religiosa e microviolências (ABRAMOVAY, 2012).

Abramovay e Rua (2002) elucidam que para o entendimento do prelúdio da violência escolar a compreensão dos agentes endógenos e exógenos é relevante. Os agentes exógenos compreendem tudo que determina ou principia a violência escolar, porém que tem origem fora da escola. Enquanto os agentes endógenos correspondem aos fatores internos à escola que desencadeiam a violência escolar. Os agentes endógenos e exógenos podem ser representados da seguinte forma, segundo Abramovay e Rua (2002):

- Agentes exógenos: a família, meios de propagação de informações, a sociedade ao qual o aluno está inserido, o bairro, questões relacionadas a gênero (masculinidade/feminilidade) e questões raciais, racismo e xenofobia.
- Agentes endógenos: o sistema de ensino da escola, as regras, normas do projeto pedagógico, o sistema de punição, a idade e a série que os alunos estão cursando, a relação dos professores com os alunos (harmônicas ou desarmônicas) e etc.

Parece entender e compreender, portanto, que não só os aspectos escolares endógenos são faíscas para o aumento das explosões de violência escolar, entretanto situações e contextos exógenos, que são promovidos fora da escola e repercutem dentro dela. Por esse motivo, comprova-se que não é tão fácil detectar as origens da violência escolar e solucioná-las. Subsequentemente, a perversidade não deve só ser pensada, em sua minimização, dentro do ambiente estudantil, contudo políticas públicas são de igual importância para diminuição da mesma.

Falta de diálogo, brigas, ausência, negligência, falta de preparo psicológico são uma das inúmeras causas da violência escolar. Zechi (2011) na sua tese de doutorado afirma que diante da revisão bibliográfica de depoimentos de professores, estes apontam como motivos prevaletes da crueldade a família como não incrementadora de boas condutas frente a seus respectivos filhos. Vale salientar que tudo isso que já foi supracitado são motivos de grande dimensão para o estopim do Bullying nas escolas. Quaisquer formas de preconceitos, discriminação, sejam incivildades e microviolências são determinantes para más condutas no ambiente escolar.

Por isso, identificar o *bullying* não é tarefa fácil. Os atos violentos e agressivos inúmeras vezes não alcançam o campo de visão dos professores no âmbito escolar dificultando a minimização ou solução do caso. Isso acontece porque os alvos de atos desumanos e de tamanha covardia em inúmeros casos não podem prová-los, o que acarreta na não solução para tal problema. Isso em virtude do que predomina nas escolas são atos de

intimidação simples que vão desde bilhetes com informações maliciosas, gestos maldosos até simples olhares. Sendo assim, permanece o ponto de quanto ao autor dos atos, suscitando idéias de inoperância do professor, inconformismo e impunidade. (ZENTARSKI; SILVA, 2011).

Perante isso, é emergente a aceitação de que o comportamento agressivo por parte dos opressores no ambiente escolar deriva, em muitos casos, tanto da educação doméstica, quanto da não aceitação do eu, conseqüentemente, não aceitando o outro. Isso se acentua ainda mais a partir do momento que a estrutura familiar é tênue e os pais não estabelecem limites e valores essenciais aos filhos desde criança.

A cartilha: *Bullying* CNJ *apud* Araújo e Silva (2011, p. 13) elenca que:

Muitas vezes o fenômeno começa em casa, entretanto, para que os filhos possam ser mais empáticos e possam agir com respeito ao próximo, é necessário primeiramente a revisão do que ocorre dentro de casa. Os pais, muitas vezes, não questionam suas próprias condutas e valores, eximindo-se da responsabilidade de educadores. O exemplo dentro de casa é fundamental. O ensinamento de ética, solidariedade, e altruísmo inicia ainda no berço e se estende para o âmbito escolar, onde as crianças e adolescentes passarão grande parte do seu tempo. (CARTILHA: BULLYING CNJ *apud* ARAÚJO; SILVA, 2011, p. 13).

Ao que tudo indica mesmo os docentes acreditando que a violência escolar tenha como origem substancial a desestrutura familiar e seus fenômenos intrínsecos a escola, vale ressaltar também que quando não se entende a realidade do aluno e a escola não se configura como aparato de mudança psicossocial para uma melhoria na forma do aluno(a) enxergar a sociedade e seus mecanismos, não faz sentido propostas que tenham como intuito apaziguar os ânimos e as condutas violentas dos estudantes.

Subseqüentemente, o entendimento e compreensão do bullying, suas causas, seus agravantes e oficinas que tornem tênue esses fenômenos no ambiente escolar é imperativo de força maior nos próximos capítulos.

### ***Diversos Conceitos de Bullying e suas Interações no Ambiente Escolar***

Fante (2005) realizou uma pesquisa realizada em 14 países com o intuito de identificar possíveis termos que seriam utilizados para nomear o que se entende por *bullying*. A pesquisa, realizada com o público alvo de faixa etária de 14 anos, foram constatados 67 termos diferenciados. Contudo, nenhum abrangia o significado do termo *bullying* em inglês.

Na Suécia e Noruega surgiram os primeiros debates do que se convencionou chamar de bullying, esse fenômeno era denominado, respectivamente, de *mobbning* e *mobbing*. Esse termo tem sua “raiz” no radical *mob* que tem como significado pessoa ou grupo de pessoas

omissas que agride outro indivíduo. Quando esse ato de agredir se transforma em hostilização, molestação e humilhação passam a ser denominados de *mobbing* (CORRÊA, 2018).

Nesse sentido, o *bullying* pode ser entendido segundo Tatum e Herbert *apud* Silva e Rosa (2013) como sendo o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa ao mesmo tempo em que a coloca sob tensão. Nessa perspectiva de análise o *bullying* é defendido como um desejo consciente de maltratar um ser cidadão. No entanto, a palavra desejo está muito distante do campo semântico da palavra realizar e corriqueiramente os atos característicos do *bullying* não são somente desejados, mas concretizados.

Por sua vez, Palácios e Rego (2006) alumbra que o *bullying* consiste em práticas sistemáticas de humilhações executadas por crianças e adolescentes no ambiente escolar. Reitera-se a esse conceito a forma como o autor defende o termo *bullying* como sendo uma prática sistemática, isto é, organizada e premeditada, como também afirma que é uma prática perversa, que tem intuito central ridicularizar.

Mergulhando em maior densidade ao exposto, a Associação Brasileira de Proteção à Infância e a Adolescência (ABRAPIA) (2006) esclarece que o *bullying* além de se configurar em colocar apelidos e ofender algum indivíduo, consiste em zoar, gozar, encanar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences.

O *Bullying* pode ser entendido como ações de abuso de poder físico ou psicológico, que tem como intuito maior o desejo de inferiorizar o indivíduo (vítima). Na mesma conotação, Fante (2005, p. 29-30) autentica que:

Definimos o bullying como um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. Diversos estudiosos vêm dando suas definições e contribuições, ao longo do tempo, com respeito a esse tipo de comportamento [...]. Portanto, o bullying é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, a propriedade de causar traumas e psiquismo de suas vítimas. Por fim, o bullying possui, ainda, a propriedade de ser reconhecido em vários contextos: nas escolas, nas famílias, nos condomínios residenciais, nos clubes, nos locais de trabalho, nos asilos de idosos, nas Forças Armadas, nas prisões, enfim, onde existem relações interpessoais (FANTE, 2005, p. 29-30).

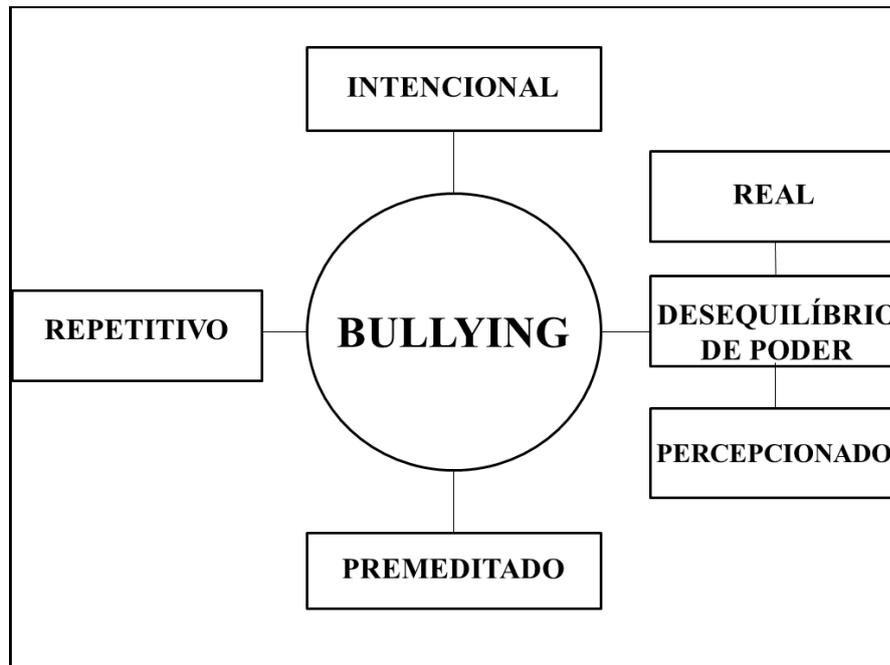
Portanto, o *bullying* além de ser cruel tem um conceito específico e isso é muito importante para que se possa compreendê-lo diferentemente de quaisquer outras formas de violência. O *bullying* é muito recorrente nas escolas e tratado como um tema importante de ser discutido e mensurado. No entanto, esse tipo de violência específico ainda não ganhou tamanha notoriedade como os estudos de violência de forma geral. Atrelado a isso vale fazer ressalvas a prerrogativa de *bullying* não ser um fenômeno, restrito a escolas, mas em todos locais que disponham de relações interpessoais.

Ainda no que diz respeito ao *bullying*, Ventura, Pedrosa Vico e Ventura (2016) advertem que o *bullying* resume-se em toda a agressão virtual, eletrônica, psicológica, verbal e física desde que ocorra intencionalmente e continuamente por um único indivíduo ou por um grupo deles. Essa prática perversa está inserida em um contexto de desproporcionalidade de poder (real ou percebida) entre a vítima e o agressor. Somam-se a isso os boatos, fotografias e vídeos muitas vezes comprometedores que ocorrem também continuamente e intencionalmente para massacrar a vítima.

Observa-se, portanto, que o *bullying* é uma agressão estruturada em formas variadas e que ocorre de maneira intencional, premeditada e repetidamente. No entanto, também deve existir o desequilíbrio de poder, este real ou percebido. O poder percebido vai ao encontro da objeção com os conceitos de *bullying* mais difundidos da desproporcionalidade de poder real como catalizador do fenômeno.

Nem sempre o emissor da agressão (agressor) tende a ter mais poder do que o receptor dos atos agressivos (vítima). O status ou sentimento de superioridade e soberania, e a não aptidão física necessária para se tornar mais poderoso do que a vítima pode ser exemplificado pelas redes sociais, tais como *Instagram*, *WhatsApp* e *Facebook*. Estes meios comungam da mesma função, propagar informações. Contudo é um meio para propagação de calúnias e difamações. Ver informações da figura 1 a seguir:

**Figura 1-** Esquema do Bullying



**Fonte:** Autor (2020)

Nogueira (2007) na sua tese de doutoramento apresenta uma retórica indubitavelmente importante a respeito do *bullying*. Para ele esse fenômeno é cruel e intrínseco ao ser humano, além de estar presente nas relações interpessoais. Também acrescenta que o intuito dos mais fortes é converter os mais fracos por meio de brincadeiras e que essas brincadeiras servem para camuflar o verdadeiro sentido da “brincadeira” que é maltratar e intimidar as vítimas desses atos recorrentes. Ocorre repetidamente em um longo espaço de tempo, através do desequilíbrio de poder entre os pares.

Outra ideia apresentada é o *cyberbullying*. Esse utiliza meios de tecnologias diversos, tais como os celulares, em especial, os que dispõem de funções inteligentes e computadores ligados à internet para ridicularizar os seus alvos. Meninas sendo alvo de cenas de sexo gravadas ou fotografadas, meninos sendo estimulados a brigas e fotografados enquanto apanham, são algumas das perversidades propagadas rapidamente por esses aparelhos (RISTUM, 2010).

Levando em consideração todos os conceitos apresentados e discutidos, mediante a síntese e a reunião dos demais conceitos apresentados, conclui-se que o *bullying* é um fenômeno complexo de se definir, mas ao mesmo tempo fácil de ser representado e que comunga com diversos fatores que podem o caracterizar. Tais como repetição dos atos

agressivos, sensação de poder que nem sempre corresponde aos traços físicos, emocionais e psíquicos com intuito de humilhar e ridicularizar a vítima.

### ***A Contribuição da Educação Geográfica mediante o Conceito de Lugar na Prevenção do Bullying***

Para a compreensão do *bullying*, o conceito de lugar e suas concepções de segurança, convívio social, identidade cultural e a produção e reprodução do espaço ao longo do tempo se torna relevante. O lugar é entendido semioticamente pelos anseios, sentimentos, objetos e experiências vividas. Dito de outra forma, objetivado pela cultura material e imaterial, coletiva e individual, dos seres humanos ao longo do tempo e do espaço. Para tanto, a Educação Geográfica é preponderante para o entendimento de como o imaginário de pertencimento está intrínseco aos atos ou não de *bullying* nas escolas e lugares onde os seres humanos habitam, mediante os sentimentos, anseios e realidade vivida dos cidadãos.

Quando tomada a direção da explicação dos atos de *bullying* relacionados com o conceito de lugar e suas peculiaridades as causalidades desses atos não são explicadas somente pela possível estrutura familiar falida, inexistência de um olhar valorativo e/ou influência dos colegas de classe. Mais do que isso, passa a ser refletida na experiência, na descrição que o agressor tem do mundo, em razão deste percorrer o seu lugar com o olhar perceptivo a seu modo. Nesse sentido, abre-se espaço para o entendimento do lugar como desencadeador ou mitigador dos atos de *bullying*, através da concepção perceptiva de cidadania, empatia, solidariedade, conhecimento histórico do local ao qual pertence, identidade cultural e relações sociais.

Assim, a Geografia, abre um terreno fértil de discussão da relação *bullying*, conceito de lugar e Educação Geográfica. Nas palavras de Cavalcanti (2010) o lugar deve ser uma referência constante para construção do conhecimento do aluno consoante a problematização, o diálogo e a interlocução necessária para o aluno se constituir um sujeito do processo de ensino-aprendizagem. Se trabalhado dessa maneira o aluno melhor atribui sentido ao que é estudado, pois se permite estabelecer nexos entre a realidade e os conteúdos construídos na escola.

Se o lugar, segundo Sobrinho (2018) é uma categoria de análise que objetiva a compreensão da espacialidade, no sentido da viabilização da construção da experiência vivida, dos aspectos da historicidade de uma comunidade e da produção e reprodução cultural do espaço, porque não é um meio capaz de estudar a relações interpessoais desencadeadas em uma dada área como também as especificidades de percepção por este? Por que não é um

terreno fértil para escancarar o olhar do aluno, diante de sua realidade, situações e conflitos corriqueiros desnecessários? Acredita-se, portanto, que a Educação Geográfica tem muito a contribuir nesses aspectos.

O entendimento do *bullying*, sob o viés do lugar, permite enxergar comportamentos distintos, em escalas espaciais diversas, que apresenta conexão com outros elementos e/ou fatores para o desencadeamento ou não de comportamentos antissociais. A intencionalidade de quem o enxerga e vive nele também é importante para o conhecimento da gênese e formação do *bullying*. Assim sendo, o ponto de convergência entre a Geografia e o *bullying* está no lugar, mais precisamente, nas relações que moldam essa escala espacial.

A proporcionalidade do campo de visão amplo e as condições de aprendizagens estabelecidas são a luz para o trabalho articulado da disciplina Geografia com comportamentos éticos e morais, considerando a escola como o seio da existência perceptível das diferenças culturais em distintos sujeitos no mesmo recorte espacial. E por isso a Educação Geográfica, ancorada no conceito de lugar, exhibe seu êxito. Mediante a busca pela identidade local historicamente construída, vivida e sentida.

Nessa relação indissociável entre o conceito de lugar, a Educação Geográfica e o trabalho com a temática do *bullying* nas escolas, Callai (2005) encontra um caminho para melhor entender o papel da educação neste contexto quando entende que a leitura do mundo é imperativa para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos colocar em prática nossa cidadania. Levando em consideração essa afirmativa, o *bullying* pode ser entendido e prevenido no mesmo momento do estudo da Geografia, da leitura do mundo diária.

Oliveira e Kaercher (2016) elucidam que não só de temas físicos a Geografia é constituída. Na atualidade existem temas mais emergentes que envolvem as experiências vividas e que merecem destaque de maneira plural, complexa, contraditória e dinâmica articulados com o currículo adotado pela instituição de ensino. Partindo dessa premissa, o *bullying* pode e deve ser trabalhado em sala de aula, nas aulas de Geografia, relacionando-os ao recorte espacial culturalmente construído e cheio de significações criadas individualmente ou em conjunto, denominado de lugar. Por isso o *bullying* pode ser um tema de debate com a realidade da escola, superando o engessamento dos conteúdos geográficos escolares.

Uma Educação Geográfica se caracteriza pela forma de ensinar que toma caminho contrário às aprendizagens repetitivas e arbitrarias e que conflui com a adoção de habilidades, tais como: analisar, interpretar e aplicar conhecimentos através de atividades não lineares (CASTELLAR, 2005). O recorrimento a Educação Geográfica é o oásis, no sentido do

detrimento das atividades monótonas e repetitivas, que permite o uso do pós-parede da sala de aula como ferramenta indiscutível da construção do saber geográfico.

A fidelidade da relação Educação Geográfica e o bullying é restaurada quando a aprendizagem voltada à leitura do mundo é permitida. A análise detalhada do espaço ao qual está em volta do aluno, recorrendo a Geografia, expressa e dá possibilidade para o estudo das relações sociais que ocorrem em um dado sistema. As relações interpessoais podem ser um objeto da análise Geográfica, como também podem construir posturas mais adequadas, isto é, atitudes e atos pró-sociais.

Levando em consideração a corrente da Geografia Humanística, Leite (2012) elucida que o lugar transcende uma determinada delimitação espacial, está estritamente vinculada à individualidade do sujeito, o seu relacionamento com o espaço ao qual está inserido. As emoções, histórias de vida, relacionadas à consciência individual de cada sujeito determina seu relacionamento com o espaço, dessa forma, estabelecendo lugares distintos. A utilização e exploração do contexto do lugar ao qual o aluno está inserido é o ponto chave da Educação Geográfica para comportamentos empáticos, tolerantes, cooperativos, solidários e altruístas.

O lugar é o campo de análise privilegiado da Educação Geográfica para o entrelaçamento do *bullying* e saberes conceituais e práticos. Callai, Cavalcanti e Castellar (2012) pensam que a Geografia nos leva a conhecer o mundo da vida, tanto o mundo próximo, mas também, por meio da informação e comunicação, o mundo distante. Sendo assim, em lugares subjetivos distintos é possível compreender as relações sociais, os acontecimentos corriqueiros.

Ao relacionar o estudo do Lugar e o papel da Ciência Geográfica, Leite (2012, p. 33) esclarece:

Assume-se que formar o cidadão no contexto da escolarização, significa dar condições ao aluno de reconhecer-se como um sujeito que tem história, que tem um conhecimento prévio do mundo e que é capaz de construir seu conhecimento; significa compreender o espaço como resultado da vida e do se perceber parte deste processo. [...]. O fundamental, então, é conhecer a realidade em que se vive, no sentido de ir além de identificar o que existe e de buscar explicações sobre os processos que desencadeiam a própria realidade (LEITE, 2012, p. 33).

Para metamorfose de condutas repetitivas, violentas, vitimizantes e de poder desigual, o estudo do lugar é um aliado na tomada de novas decisões e escolhas mais racionais. O estudo dos traços culturais, da gênese dos atos de *bullying*, da paisagem e seus constituintes, em uma escola local, são fatores catalisadores importantes para a análise da vida coletiva,

interpessoal e na mitigação e prevenção de casos de *bullying* no ambiente escolar ou em quaisquer locais de disseminação desse fenômeno.

Santos *apud* Callai (2005, p. 235) afirma que a existência de lugares tem o poder revelador sobre o mundo, na medida em que não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido que comunga de experiências pessoais não estáticas (sempre renovadas) e que permitem a constante avaliação das marcas deixadas e indagações sobre o pretérito e o futuro destes locais.

Em conformidade a isso, Leite (2012) elenca que os primeiros anos de escolarização é o período onde os educandos aprendem a ler o mundo. É neste período que os conteúdos primários da disciplina Geografia começam a ser construídos. Esses conteúdos estão estruturados no entendimento do grupo/espaço/tempo, relativos ao espaço em que vivem. Além disso, as aprendizagens geográficas iniciais sugerem descobertas, inquietações referentes a onde se vive, como se vive, quem sou eu ou com quem vivo. Se o lugar é um espaço vivido que tem a possibilidade de ser renovado e reavaliado, as atitudes antissociais, mesmo que herdadas por familiares e amigos, também podem ser reinventadas.

A Geografia dos lugares seria exclusivamente outra se as boas condutas, isto é, os comportamentos pró-sociais, fossem enveredados pelos indivíduos da sociedade. A cartografia do *bullying*, apresentada nos mapas das escolas, teria outras cores e/ou símbolos menos intensos do que os do presente e os de outrora. Portanto, o lugar de vivência, empatia e solidariedade seria constituído.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### ***Atividades Pautadas na Educação Geográfica sob o Estudo do Lugar Como Forma de Amenizar Casos de Bullying***

As atividades não lineares são relevantes para o desenvolvimento de aprendizagens geográficas mediante o estudo do lugar, tendo em vista que quando aliada à teoria e a prática as aulas não lineares se tornam mais fáceis à assimilação do que é construído em sala de aula e favorecem a articulação de saberes múltiplos. Conforme isso, Castrogiovanni (2007, p. 71) afirma que: “Uma oficina é um movimento para a descoberta, em que o aluno aprende com autonomia. Pensamos que a textualização é sempre bem-vinda, pois valoriza o registro do conhecimento construído”.

Se o professor dá possibilidade ao estudante de poder construir seu próprio conhecimento, partindo do eu protagonista, favorece resultados mais satisfatórios em relação

a afirmação de saberes. Conceder autonomia ao aluno é favorecer que ele articule ideias, erre quando necessário, e conserte os erros mediante a perspectiva do professor, e este auxilie na construção da aprendizagem de saberes múltiplos.

Atividades transversais, segundo Brasil (1997) é todo tema que vai ao encontro da construção da cidadania e da democracia, incluem-se a isso a ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual e temas locais. Parece que os temas dispostos pela transversalidade estão estritamente relacionados a situações graves que afligem a qualidade de vida, o convívio social e a integridade das pessoas. O *bullying*, nesse sentido, é um tema transversal pela sua emergência e periculosidade.

E por que as oficinas didáticas não surgem como um eixo diferencial para alicerçar saberes da transversalidade (nesse caso o *bullying*)? Por isso, a pesquisa, descrita neste artigo, buscou além do conhecimento da realidade do aluno, apresentar atividades que estimulem a formulação do seu próprio saber através de oficinas. Uma vez que essa é a melhor forma de atingir o sujeito aprendiz e tocá-lo mais profundamente. É notório também que quando os sujeitos, na condição de aprendizes, se sentem familiarizados com a temática abordada os efeitos positivos são mais perceptíveis.

Assim, apresentou-se à proposta de oficina, com um elo entre a Geografia e o *bullying* (estudo de minorias) se dá mediante o estudo crítico do mundo e do que nele ocorre. Pensando nisso, para que os sujeitos aprendizes sintam interesse pela problemática abordada serão propostas as seguintes atividades:

***Oficina 1: Sugestão de Atividade para Trabalhar Transversalmente o Conteúdo de Lugar com Cartografia***

- Em duas aulas será feita a exibição do filme: “O Extraordinário”, filme que relata o bullying sofrido por um adolescente que tem o rosto deformado, no entanto que é um garoto esperto e inteligente;
- Nas duas aulas da semana posterior, serão feitas perguntas na sala pré-selecionadas pelo professor, como forma de entender o que se passa na cabeça dos alunos, tais como: Qual a sensação de vocês ao assistirem ao filme e observar as situações que ele apresenta? Que nome se dá às situações/brincadeiras agressivas que ocorrem repetidamente nas escolas? O professor também vai orientar os alunos que as situações apresentadas no filme são características do bullying e, nesse momento, levantar questões a respeito do tema. Em seguida, os alunos receberão 2 (dois) questionários idênticos para entrevistar colegas da

mesma escola ou de escolas distintas no que cerne ao bullying. (Na data de entrega o professor recolherá os dados para tabulação).

- Nas duas próximas aulas, após a tabulação dos dados, o professor irá apresentá-los em sala de aula e formará grupos com 4 (quatro) alunos para que montem gráficos, cada grupo com um subtema, tais como: faixa etária com maior predominância de bullying; a relação da ocorrência de bullying com crianças de escolas particulares e públicas; a relação entre estrutura familiar e maiores ou diminutos casos de bullying provocados pelos entrevistados; a predominância de onde ocorreu os mais recorrentes casos de bullying no ambiente escolar.
- Por fim, os dados serão expostos no pátio da escola mediante gráficos confeccionados pelos alunos (Em um momento mais conveniente ao professor e aos alunos).

As perguntas do questionário para o grupo focal a ser analisado pelos alunos se dividem em blocos temáticos distintos:

- a. 01 a 06 são referentes aos dados gerais do aluno; 7 a 8 referentes às questões pertinentes ao como os alunos compreendem o *bullying*; 9 a 16 são no que tange a percepção dos alunos perante a problemática supracitada; 17 a 20 compreendem questões que envolvem a percepção dos alunos diante das consequências dos atos de *bullying*;
- b. 21 a 23 sobre a estrutura familiar dos alunos, como sendo potencializadora ou não de atitudes características do *bullying*; enquanto as questões 24 a 26 buscam respostas quanto às condutas e normas da escola do aluno averiguado em relação ao *bullying*;
- c. Por fim as questões 26 a 28 que recorrem ao entendimento do comportamento dos professores a respeito da problemática estudada.

A atividade tem previsão de conclusão em 06 (seis) horas/aulas de Geografia, ou seja, em 03 (três) dias distintos com 02 (duas) aulas seguidas cada dia. Sendo 04 (quatro) aulas em duas semanas seguidas, e, posteriormente, uma outra data a ser marcada para exibição dos dados tabulados e confecção dos gráficos.

Quanto aos materiais precisos, os aparatos de projeção e áudio (datashow, notebook e caixa de som) serão utilizados, como também folha de cartolina para montagem dos gráficos, caneta esferográfica, pilotos permanentes, fita durex, e folhas de ofício.

Os objetivos dessa oficina são: a) levar ao entendimento do que é *bullying*, quais suas consequências; b) alicerçar a ideia de corresponsabilidade e empatia ao mesmo tempo em que se percebe a importância de gráficos para compreensão dos temas geográficos, como clima, população, problemas ambientais urbanos e entre outros; c) Construir conhecimentos quanto a capacidade interpretativa de gráficos, uma vez que esses são recorrentes nas provas e atividades de Geografia.

Como forma de avaliar esta oficina e seus resultados os métodos de avaliação serão amparados no diário de campo, observação e questionário para tabulação dos dados. Esses meios de avaliação resultarão em uma maior averiguação dos detalhes das oficinas como também análise e comparação de dados e resultados da pesquisa proposta. As oficinas já citadas terão a missão de incentivar gestos e atitudes voltados à empatia, cooperação, solidariedade, resiliência, ajuda mútua, altruísmo e comportamento de civilidade (gentileza), diante dos dados obtidos e fatos próximos a sua realidade.

### ***Oficina 2: Sugestão de Atividade para Trabalhar Transversalmente com o Conteúdo Diversidade Cultural***

- Nas duas aulas de Geografia (em um único dia/ aulas conjugadas) o professor começará a abordar em sala de aula a temática *bullying*. Depois disso, o professor perguntará aos alunos o que eles entendem como *bullying* e posteriormente o mesmo irá intervir reverberando o conceito da temática supracitada e as consequências do desse fenômeno na vida de quem o já vivenciou;
- Em seguida, no mesmo dia, será feita uma exibição da reportagem mostrando os massacres no Realengo (2011), Suzano (2019) e em Columbine (1999) como forma a perceber que na realidade vivida atos agressivos graves ocorrem e que todos os autores dos massacres apresentados foram alvo de *bullying* na infância e na adolescência.
- Nas próximas duas aulas (em um dia e conjugadas) o professor juntamente com os alunos vão se dirigir ao pátio da escola, se sentar em forma de círculo e com cadernos e canetas na mão vão escrever o que o professor irá orientar.
- O professor mostrará imagens de pessoas com diversos costumes, formas de ser e agir (referente a gênero, sexualidade, raça, religião, oprimidos, negros, refugiados e deficientes). Com o intuito de compreender a análise feita pelos alunos diante das imagens apresentadas, o professor orientará os alunos a escrever no papel a primeira impressão.

- Em seguida, as respostas serão colocadas dentro de um saco plástico e embaralhadas. O professor nesse momento percorrerá a roda de debate solicitando que os alunos retirem um papel do saco plástico e reflitam se o que o outro colega copiou é um pensamento pró ou anti social e o que eles acham da resposta apresentada, enfatizando argumentos;
- No final das reverberações das respostas pelos alunos o professor irá pontuar a seguinte pergunta: O que você afirmou no papel desejaria que acontecesse com você? Por quê?
- A partir disso, o professor vai expor seu ponto de vista diante de todos os argumentos apresentados na roda de debate, evidenciando que tudo o que foi mostrado pode ser o estopim de atos agressivos e que palavras mal ditas e humilhação pode levar a problemas psíquicos acentuados. Por isso, o que não se deseja para si, não se deseja para os pares.

Os materiais a serem utilizados serão os aparatos tecnológicos (lousa digital, notebook e caixa de som) e outros materiais como folha de ofício, canetas, saco plástico e imagens extraídas da internet.

A durabilidade da oficina está firmada em 04 (quatro) aulas conjugadas, em 02 (dois) dias distintos, sendo 02 (duas) aulas para apresentações gerais da temática (*bullying*) abordada e as outras 02 (duas) aulas para concretização da oficina.

Os objetivos dessa última atividade seria promover: a) a ideia de corresponsabilidade com os elementos que estão presentes no espaço geográfico relacionando-os a empatia (capacidade de se colocar no lugar no outro); b) ajuda mútua; c) sensibilidade e não egoísmo. Como forma de avaliar essa oficina e seus resultados, os métodos de avaliação serão amparados no diário de campo e observação. Esses meios de avaliação resultarão em uma maior averiguação dos detalhes das oficinas como também análise e comparação de dados e resultados da pesquisa proposta. As oficinas já citadas terão a missão de incentivar gestos e atitudes voltados à empatia, cooperação, solidariedade, resiliência, ajuda mútua, altruísmo e comportamento de civilidade (gentileza), mediante os possíveis raciocínios pejorativos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em um momento no qual os questionamentos são mais importantes que as respostas, principalmente pelos sucessivos dias sombrios que são vivenciados a cada rotação terrestre, a Instituição Escola é inegavelmente questionada pelo seu fim educativo e qual sua utilidade para uma educação socialmente comprometida com a evolução da humanidade. A mitigação

das distintas formas de violência e o *bullying* escolar é um contributo relevante para o cumprimento de uma de suas funções e do processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, como já em tela, a violência e o *bullying* nas esferas educacionais são eventos que repercutem desde longínquas décadas e precisam de medidas mitigadoras para o convívio social harmônico e solidário dentro do recinto escolar ultrapassando os muros escolares e refletindo também em outros quadrantes espaciais. A mitigação dos casos de *bullying* dentro do recinto escolar (quando os professores são conhecedores do fenômeno, suas causas e consequências) pode corrigir inclusive o não comprometimento dos pais e responsáveis com a revisão do que ocorre dentro de casa e pelo não questionamento de seus valores e condutas e da responsabilidade deles de serem os educadores dos seus próprios filhos para que possam respeitar o próximo, serem mais empáticos, altruístas e solidários se estendendo até o âmbito escolar esses valores e condutas (CARTILHA: BULLYING CNJ *apud* ARAÚJO; SILVA, 2011).

Com esse imperativo de força maior, a Educação Geográfica, através do conceito de lugar, pode ser entendida e compreendida como minimizadoras dos casos de bullying no âmbito escolar e que podem repercutir fora dela com a formação de seres multiplicadores de boas práticas. Neste momento apenas com a comprovação respaldadas na interface bullying, Educação Geográfica e conceito de lugar e em um momento próximo ser validada na prática com o desenvolvimento das atividades propostas em unidade escolar.

As propostas de atividade pedagógica, descrita neste artigo, é um trabalho que estará a serviço da sociedade e de um grupo específico que são os sujeitos na condição de aprendizes e dos professores motivados por novos movimentos pedagógicos que façam sentido na vida dos alunos e contribuam para mitigar explosões de *bullying* e violência na escola. No livro Extraordinário, uma máxima é bastante válida para resumir a pretensão deste trabalho para os alunos da educação básica, principalmente aos pré-adolescentes e adolescentes do Ensino Fundamental (Anos Finais) que se resume em: ***“Quando tiver que escolher entre estar certo e ser gentil, escolha ser gentil”***.

Esse preceito é muito significativo para justificar o trabalho empenhado ao longo desta pesquisa. O professor e os alunos da Educação Básica, amparados por lentes geográficas e atentos aos horizontes do seu lugar de vivência podem, mediante o conceito de lugar, (re) construir uma (nova) história não só nos seus imaginários fictícios, contudo em ações dentro da escola que sejam tolerantes a diversidade de pensamentos e escolhas individuais e que promovam vivências pautadas na cidadania e no bem comum, longe dos embates desnecessários e discriminatórios.

Por fim, ousa-se defender a proposta pedagógica descrita, com fim de subsidiar professores a trabalharem com temáticas geográficas elencadas, considerando o lugar dos alunos. As atividades permitem aos educandos (re)visitar conceitos geográficos que permitem a eles a análise dos lugares repletos de experiências vividas entre elas às experiências individuais e coletivas do bullying e da violência. Haja vista isso, a Ciência Geográfica é um instrumento de estudo e análise que contribui para formação de seres humanos justos, resilientes e com virtudes democráticas.

## **REFERÊNCIAS**

ABRAMOVAY, M. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: FLACSO, 2012.

ABRAMOVAY, M. Escola e Violências. **Revista Observare: A revista do Observatório Interdisciplinar de Segurança Pública do Território**. Vol. 4, 2008.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das. G. **Violência na Escola**. Brasília: Unesco, 2002.

ABRÁPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência. Disponível na Internet: <http://www.bullying.com.br/BConceituacao21.htm#OqueE>. Acesso em: 09 de dez. 2019.

ARAÚJO, C. P. da. S.; SILVA, R. da. S. **Bullying na Escola: Essa Brincadeira não tem Graça**. V Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão-CE, 2011. Disponível em: <http://educonse.com.br/2011/cdroom/eixo%2014/PDF/Microsoft%20Word%20-%20BULLYING%20NA%20ESCOLA.pdf>. Acesso em: 27 de dez. 2019.

ASSIS, S. G.; MARRIEL, N. de. S. M. **Reflexões sobre Violência e suas Manifestações na Escola**. In: ASSIS S. G.; CONSTANTINO, P. AVANCI, J. Q. (Org). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

BLOMART, J. **Evitando as Violências no Ambiente de Escolas Primárias**. In: DEARBIEUX, E. BLAYA, C. **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: Unesco, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. 146 p.

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. CEDES [online]. 2005, vol.25, n.66, p.227-247. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9mbrLG6Dd3FQhFqZYH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 de dez. 2019.

CALLAI, H. C.; CAVALCANTI, L. de. S.; CASTELLAR, S. M. **O Estudo do Lugar nos anos iniciais do ensino fundamental**. Terra Livre, v. 1, n. 38, p. 79-98, Jan-Jun. 2012.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino de Geografia: caminhos e encantos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CHARLOT, B. **Violência nas escolas: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Porto Alegre, n. 8, jul./dez. 2002.

DEBARBIEUX, E. **Cientistas, políticos e violência: rumo a uma comunidade científica europeia para lidar com a violência nas escolas?** In: DEBARBIEUX E, BLAYA C. **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: Unesco, 2002.

FANTE, C.A.Z. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Versus, 2005.

LEITE, C. M. C. **O Lugar e a Construção da Identidade: Os significados construídos por professores de Geografia do Ensino Fundamental**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11250/1/2012CristinaMariaCostaLeite.pdf>. Acesso em: 25 de mai. 2020.

MACÊDO, A. C. L. **Os Observadores de Bullying numa Escola do Nordeste do Brasil: Comportamentos, Emoções e Percepções de Efeitos da Exposição ao Bullying**. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Instituto de Educação, Lisboa, 2014. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/5397>. Acesso em: 17 de nov. 2019.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Disponível em: [https://monoskop.org/images/0/07/Merleau\\_Ponty\\_Maurice\\_Fenomenologia\\_da\\_percep%C3%A7%C3%A3o\\_1999.pdf](https://monoskop.org/images/0/07/Merleau_Ponty_Maurice_Fenomenologia_da_percep%C3%A7%C3%A3o_1999.pdf). Acesso em: 08 de jun. 2020.

MUCHEMBLED, R. **História da violência: do fim da Idade Média aos nossos dias** / Robert Muchembled; tradução Abner Chiquieri. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

NOGUEIRA, R. M. C. Del P. A. **Violências nas escolas e juventude: um estudo sobre o bullying**. 2007. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/10599>. Acesso em: 13 de nov. 2019.

OLIVEIRA, V. H. N.; KAERCHER, N. A. **O Jovem Contemporâneo e a Geografia Escolar: tão longe e tão perto**. In: **Movimentos para ensinar Geografia—oscilações**. Porto Alegre, Letral, 2016, p. 117-132. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Movimentos-para-ensinar-Geografia.pdf>. Acesso em: 27 de mai. 2020.

PALACIO, R. J. **Extraordinário**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

PALÁCIOS, M; REGO, S. **Bullying: mais uma epidemia invisível?**. Revista Brasileira de Educação Médica. Rio de Janeiro, v.30, n.º 1, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v30n1/v30n1a01.pdf>. Acesso em: 14 de nov. 2019.

PEREIRA, H. S. da S., MELO, J. A. B. de. **A representação por mapas mentais para trabalhar a violência nas aulas de geografia.** Revista Ensino de Geografia (Recife) V. 4, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/download/250301/38864>. Acesso em: 17 de nov. 2019.

PRIOTTO, E. P.; BONETI, L. W. **Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola.** Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 9, n. 26, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189115658012.pdf>. Acesso em: 15 de nov. 2019.

RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (Orgs.), **Impactos da Violência na escola: um diálogo com professores** p. 95-119. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Educação/Editora Fiocruz, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 29 de nov. 2019.

SILVA, E. N.; ROSA, E. C. S. **Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente.** Psicologia Escolar e Educacional, v. 17, n.º 2, p. 329-338, 2009. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&pid=S1413-855720160002027500020&lng=em](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S1413-855720160002027500020&lng=em) >. Acesso em: 27 de out. 2019.

VENTURA, A.; PEDROSA VICO, B.; VENTURA, R. **Bullying e formação de professores: contributos para um diagnóstico. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 24, n. 93, p. 990-1012, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362016000400010>. Acesso em: 10 de dez. 2019.

ZECHI, J. A. **Educação em valores: solução para a violência e a indisciplina na escola?** 2014. 279 f. Tese (doutoramento em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Campus Presidente Prudente, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/123919/000831564.pdf?seque=1>. Acesso em: 23 de abr. 2019.

ZENTARSKI, L. de. O. F.; SILVA, M. G. G. da. **Bullying e Desrespeito: Como Acabar com essa Cultura na Escola. Revista Saberes da UNIJIPA.** n. 04, Jul. 2016. Disponível em: [https://unijipa.edu.br/uploads/files/artigo%20revista%20saberes%20\(Leni\)%20-20Copia.pdf](https://unijipa.edu.br/uploads/files/artigo%20revista%20saberes%20(Leni)%20-20Copia.pdf). Acesso em: 19 de mai. 2019.